



**Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Planaltina – FUP
Licenciatura em Educação do Campo –LEdoC**

MEMÓRIA DE VIDAS DA COMUNIDADE KALUNGA PRATA

Beatriz Vidal Pereira

**Planaltina – DF
2020**



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Planaltina – FUP
Licenciatura em Educação do Campo –LEdoC

MEMÓRIA DE VIDAS DA COMUNIDADE KALUNGA PRATA

Beatriz Vidal Pereira

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Educação do Campo, com Habilitação na área de Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa

Planaltina – DF
2020



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Planaltina – FUP
Licenciatura em Educação do Campo –LEdoC

MEMÓRIA DE VIDAS DA COMUNIDADE KALUNGA PRATA

Beatriz Vidal Pereira

Monografia apresentada à Faculdade UnB de Planaltina, FUP/UnB, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduada em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens, defendida e aprovada em ____de ____de 2020.

Orientadora: Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa - (UnB) Orientadora

Prof. Me. Diego Borges de Carvalho -(CAPES/DF) Examinador

Profa. Ma. Silva Naara da Silva P. de Oliveira - (UnB) Examinadora

Dedicatória

Dedico este trabalho, em especial, aos meus pais pelo carinho, atenção, apoio e incentivo ao estudo.

Aos colaboradores do curso Licenciatura em Educação do Campo pela oportunidade de realizar meu sonho.

Em particular, à Professora Regina Coelly com a disciplina Pesquisa e Memória que me fez conhecer melhor minha própria história por meio de pesquisas a serem desenvolvidas por mim na minha comunidade.

à Professora Rosineide Magalhães pelo desafio de me orientar neste trabalho mesmo não sendo sua área específica.

Agradecimentos

Para este trabalho meus sinceros agradecimentos vão em especial para Deus, o qual acredito que é fonte de toda vida, quero agradecê-lo pela família que me concedeu, aqui, neste mundo, em particular pelos pais maravilhosos que me proporcionou. Pais estes que me deram o essencial que um filho necessita para ser um bom cidadão, eles não tiveram oportunidades de estudar, porém não mediram esforços para que seus filhos pudessem estudar. A oportunidade que a eles foi negada fez com que eles se esforçassem ao máximo para seus filhos a conquistassem.

Agradeço também a Dorama, minha primeira professora, e fonte de toda inspiração de um dia me tornar também professora.

Quero agradecer, ainda, cada um dos meus irmãos que diretamente ou indiretamente sempre me apoiaram. Também aos moradores da Comunidade Prata/Paraná que me auxiliaram nos trabalhos que deviam serem desenvolvidos nesse lugar durante todo percurso da faculdade.

E, ainda, aos colegas da minha turma (8, Ganga Zumba), onde um sempre se apoiava no outro para que todos pudessem chegar ao seu objetivo. E, também, agradeço a todos os Professores e colaboradores do Curso Licenciatura em Educação do Campo pelo apoio e incentivo.

Aos funcionários da FUP, em geral, pelo cuidado com nosso ambiente, sempre nos proporcionaram um ambiente agradável.

Obrigada a todas as pessoas que contribuíram com este trabalho.

Resumo

Este trabalho consiste em conhecer e registrar a memória de vida de anciãos da Comunidade Kalunga Prata, com o intuito de retirar dos conhecimentos empíricos formas de comunicação, interação, trabalho, organização social e relação homem e natureza. Para sua realização, apoiou-se na pesquisa de caráter qualitativo, em que por meio da etnografia e metodologia da história oral, buscamos o aprofundamento do tema em questão, recorreremos ainda à fundamentação teórica da memória/história e autoetnografia em livros e artigos de autores que pesquisaram e escreveram sobre o tema abordado. Com o estudo, percebemos que os colaboradores da nossa pesquisa não se sentem representados pelos atuais livros de história que dizem registrar uma história nacional. Com isso, esperamos que este trabalho contribua para que as pessoas se reconheçam como sujeitos de memória e protagonistas de sua própria história. Sendo assim, foram realizadas quatro entrevistas com pessoas da comunidade na faixa etária entre 60 e 85 anos, sendo 2 homens e 2 mulheres.

Palavras-chave: Comunidade Kalunga Prata. Memória. História. (Auto)etnografia. Educação do Campo.

Abstract

This work consists in knowing and recording the memory of the life of elders of the Kalunga Prata Community, in order to remove from empirical knowledge forms of communication, interaction, work, social organization and relationship between man and nature. For its realization, we support the qualitative research, in which through the ethnography and methodology of oral history, we seek to deepen the theme in question, we also use the theoretical foundation of memory/history and autoethnography in books and articles by authors who researched and wrote about the theme addressed. With the study, we realized that the collaborators of our research do not feel represented by the current history books that claim to record a national history. We hope that the work will contribute to people recognizing themselves as subjects of memory and protagonists of their own history. Thus, four interviews were conducted with people from the community between 60 and 85 years of age, 2 men and 2 women.

Keywords: Kalunga Prata Community. Memory. Story. (Self)ethnography. Rural Education.

SUMÁRIO

1. MEMÓRIA DE UM POVO: INTRODUÇÃO	7
2.O QUE FAZER, COMO FAZER: EM BUSCA DA MEMÓRIA	11
2.1. Pergunta da pesquisa	11
2.2. Objetivo geral	11
2.3. Objetivos específicos	11
2.4. Pesquisa qualitativa.....	12
2.5. Autoetnografia	12
2.6. Entrevista narrativa.....	13
2.7. Território de pesquisa.....	14
2.8. Colaboradores de pesquisa.....	14
3. MEMÓRIA: BASE TEÓRICA	16
3.1. Gênero discursivo.....	16
3.2. Gênero discursivo memória	16
3.3. História oral.....	18
3.4. Uma História que a “História” não conta.....	20
4. MEMÓRIA E HISTÓRIA DO POVO KALUNGA DA COMUNIDADE PRATA	22
4.1. Memória de YpêRoxo	22
4.2. Memória de Baru.....	25
4.3. Memória de Limoeiro.....	27
4.4. Memória de Aroeira.....	30
4.5. Ler e escrever: um sonho.....	32

4.6. Êxodo rural: a necessidade de ir.....	33
4.7. Comunidade Prata: a arte do aprender.....	34
4.8. As controversas: cidade e campo.....	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	38

1. MEMÓRIA DE UM POVO: INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o tema memória. Memória de um povo que por anos ficou calado, desconhecido, porque a história nunca o reconheceu como sujeito de história e da memória. Porém, após muitas lutas, muitos fracassos, vieram conquistas e vitórias. E o silenciamento foi desaparecendo, surgiu voz, mas, ainda, hoje, a maioria dessas memórias continua desconhecida pelos povos, historiadores e sociedade.

Diante disso, como estudante do curso Licenciatura em Educação do Campo, da área de Linguagem, ofertado pela Universidade de Brasília (UnB), para que sujeitos do campo sejam protagonistas da sua própria história e atuem como pesquisador do seu território, resolvi colocar no papel como trabalho de monografia pedacinhos dessas memórias, digo pedacinhos porque aqui abordarei apenas uma comunidade dentre as demais da região a menor e menos populosa, mas é a que vivo e conheço bem para melhor realização da pesquisa.

Sei que a história de uma condição como as demais, porém sei também que existe grandes histórias em outras comunidades que seriam importantes serem conhecidas, mas por inúmeras questões o nosso foco é especificamente a Comunidade Kalunga Prata. Esta que com a divisão oficial de 1988 entre Goiás e Tocantins ficou no lado tocantinense, porém, os moradores continuaram com suas atividades voltadas para o Goiás, especialmente Cavalcante, única cidade conhecida pela maioria e a mais próxima e acessível para resolverem suas demandas.

Com o passar do tempo, o contato com a cidade foi aumentando. Com a questão política e a comunidade tomando conhecimento e buscando seus direitos, ficou fácil dos políticos os enganarem, pois, morando no município de Paranã-TO e votando em Cavalcante-GO eles (os políticos) usavam a desculpa “ah vocês moram em outro município não podemos atravessar fronteiras”, mas na hora de pedirem votos eles atravessavam. Quando iam ao Tocantins diziam “ah vocês moram aqui, mas votam em Cavalcante”. E a comunidade ficava sem ajuda de nenhum dos lados, mas com o passar do tempo, as pessoas da comunidade resolveram transferir seus títulos para o Tocantins, pois, mesmo

não recebendo nada ao menos eles têm palavras para dialogarem e tentar arrumar alguma solução favorável para todo tipo de problema social.

Como todo lugar tem suas peculiaridades, nossa comunidade também não é diferente. A comunidade Prata é reconhecida como remanescente de Quilombo após levantamento histórico pela Secretaria de Defesa Social (SEDS), reconhecida pelo Departamento de Proteção dos Direitos Humanos e Sociais e, em seguida, foi encaminhada para apreciação da Fundação Cultural Palmares. A comunidade Prata está localizada no município de Paranã-TO a 340 quilômetros da capital, Palmas. E aproximadamente a 97 quilômetros da cidade de Cavalcante Goiás. Atualmente, está composta por 10 famílias, sendo em maioria apenas o casal.

O povo Kalunga é reconhecido pela sua identidade, marcada por suas tradições e saberes populares utilizados desde os primeiros remanescentes, são experiências passadas de geração em geração (a de hoje aprende com a de ontem que passa para a de amanhã). Partindo do ponto de vista desses anciãos, pretendo obter informações que vivem armazenadas em suas respectivas subjetividades sobre como era e como está atualmente as questões agrícolas, comunicacionais, alimentícias, interativas, tradicionais, trabalhistas e outras, pontos positivos e negativos que eles próprios percebem com a relação direta entre campo e cidade, fazendo assim um diagnóstico das memórias comunitárias da região em questão.

As pessoas quilombolas por anos viveram harmoniosamente nas atividades de ajuda e de troca, poucos tinham contato com o dinheiro, ademais trocavam alimentos por alimentos, alimentos por tecidos, louças e assim por diante, pois, viviam com base no que plantavam e colhiam. Seus costumes e conhecimentos vêm desde os antepassados e até hoje alguns ainda são predominantes. Mas, outros costumes, com o passar do tempo, e com a modernização dos povos e a sua não prática, estão caindo em esquecimento ou até mesmo deixando de existir.

As pessoas mais velhas por um ou por outro motivo vão deixando de praticar muitos costumes do passado e os jovens não têm interesse e/ou não

sabem o valor e a importância manter esses costumes sempre ativos em nossa sociedade. Anteriormente, esses povos não possuíam um lugar fixo para moradia, eles sempre procuravam lugares que supriam suas necessidades como terra fértil, água e bens naturais. A agricultura era marcante, porque por meio dela que eles conseguiam suprir suas necessidades básicas, pois, nem tudo era produzido na comunidade e havia necessidade de ir para outros lugares em busca dos produtos que a comunidade não possuía, como por exemplo: sal, tecidos, ferramentas.

Diante do exposto, a escolha do tema memória de vida das pessoas mais vividas da Comunidade Prata é devido à percepção da importância da memória que esses idosos trazem consigo, tanto para as pessoas da comunidade como para as futuras gerações e pessoas de outras culturas que se interessam pelo passado e presente desses povos, que por inúmeras questões não possuem habilidades com a escrita para registrarem suas memórias. Geralmente, as comunidades tradicionais são dadas como inferiores por algumas pessoas que desconhecem a realidade de tais povos. É importante conversar, conhecer e registrar a memória/história da Comunidade pois, é um povo que tem uma marca de luta, resistência e superação, que conseguiu manter com aquilo que fazia com as próprias forças e capacidades.

Diante do exposto, esta pesquisa tem por **objetivo conhecer as memórias de vida de pessoas da Comunidade Prata em relação ao seu passado e às mudanças que vêm ocorrendo desde o momento em que passaram a ter oportunidades de conhecer/vivenciar coisas do “mundo urbano”**.

A abordagem metodológica utilizada pela pesquisadora é de caráter qualitativo, com metodologia da história oral. Quanto a isso “a realização de entrevistas é considerada etapa crucial de qualquer pesquisa que trabalhe com a metodologia da história oral”(DELGADO,2006, p. 27). Sendo assim, foram realizadas quatro entrevistas com pessoas da comunidade na faixa etária entre 60 e 85anos. Por ser uma comunidade abundante em belas árvores do cerrado

e os moradores possuírem uma relação harmônica com a natureza, decidimos nomear os colaboradores de pesquisa com nomes de plantas do Cerrado da região do Prata.

Para este trabalho, recorreremos a fundamentação teórica da memória/história e autoetnografia em livros e artigos, principalmente em Delgado (1999, 2000 e 2006), Arroyo (2014), Duarte (2004), Sousa (prelo), Borges (1980).

Esperamos com este trabalho contribuir para que a Comunidade se reconheça como sujeitos de memória, protagonista de sua própria história. E ainda para que essa história não se perca facilmente, mas que seja conhecida por todos moradores e outros que se interessam pelo assunto.

O trabalho está dividido em 3 capítulos, em que, o primeiro apresenta a metodologia da pesquisa, o segundo aborda a fundamentação teórica do gênero discursivo e memória, o terceiro mostra a análise de dados da memória e história do povo kalunga, e ao final apresentamos as considerações finais.

2.0 QUE FAZER COMO FAZER – EM BUSCA DA MEMÓRIA

Neste capítulo, descrevemos a metodologia que norteia a geração de dados para esta pesquisa. Apresentamos o contexto, bem como os colaboradores da pesquisa. Iniciamos o capítulo com as perguntas exploratórias, objetivo geral e os objetivos específicos.

2.1 Pergunta de pesquisa

As memórias das pessoas da Comunidade Prata representam parte da história nacional?

2.2 Objetivo geral:

2.2.1 Registrar as memórias de vida de pessoas da Comunidade Prata em relação ao seu passado e às mudanças que vêm ocorrendo desde o momento em que passaram a ter oportunidades de conhecer/vivenciar coisas do “mundo urbano, com intuito de retirar dos conhecimentos empíricos, formas de comunicação, interação, trabalho, organização social e a relação entre homem e natureza.

2.3 Objetivos específicos:

2.3.1 registrar as memórias de pessoas de 60 a 85, homens e mulheres, da comunidade Prata, fazer o registro escrito desse gênero discursivo.

2.3.2 Identificar nas memórias formas de comunicação, interação, trabalho, organização e relação entre homem e natureza da Comunidade quilombola Prata.

2.3.3 Identificar por meio das memórias a interação cultural entre campo e mundo urbano, identificando os possíveis aspectos positivos e negativos com relação a urbanização do campo/comunidade.

2.3.4 Perceber o importante papel do estudo na vida dessas pessoas que não tiveram a oportunidade de tê-lo.

Almejamos por meio da história oral contribuir para que as lembranças culturais ancestrais da Comunidade Prata continuem vivas e atualizadas na vida das pessoas e da comunidade, bem como despertar o olhar das pessoas da comunidade para a importância dessas memórias e sua preservação como identidade, luta e resistência desses povos.

2.4 Pesquisa qualitativa:

É uma pesquisa de caráter qualitativo em que o pesquisador busca por meio da etnografia e metodologia da história oral um aprofundamento das questões abordadas. A pesquisa qualitativa ajuda no processo de produção do trabalho, envolvendo e juntando os elementos que possibilitam melhoria na organização do seu trabalho. Ela tem o especial objetivo de revelar mistérios que permeiam o cotidiano, identificando processos que devido ao fato de se tornarem parte da rotina de uma determinada realidade, passam despercebidos pelos próprios envolvidos. Além disso, a pesquisa qualitativa exige muita observação do fato pesquisado por parte de pesquisador, pois, procura entender fenômenos humanos, buscando deles obter uma visão detalhada e complexa por meio de uma análise científica do pesquisador, esse tipo de pesquisa se preocupa com o significado dos fenômenos e processos sociais. (disponível em: <https://dtcom.com.br/wayco/temas/section>. acessado em 08/08/2020)

2.5 Autoetnografia

A autoetnografia é uma palavra que se refere a maneira de construir um relato sobre um grupo de pertença, a partir da ótica daquele que escreve, ou seja, a pesquisa é realizada pelo sujeito que pertence ao determinado local, fazendo a observação do outro que narra suas experiências de vida.

A autoetnografia é um gênero discursivo e uma investigação autobiográfica que revela conhecimentos pessoais, identidades subjetivas que são altamente personalizadas. Os textos autoetnográficos identificam, contam, narram experiências de vida de uma dada realidade sociocultural (SOUSA, 2019, p.11).

Ainda que uma comunidade passe por situações parecidas as experiências são únicas para cada pessoa e elementos que fundamentam a autoetnografia é essa particularidade, que segundo Santos e Biancalana 2017(apud, BONDÍA, 2000) “o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal”. E ainda conforme Santos e Biancalana(2017), “a experiência é única para quem a vive e, por mais que duas pessoas passem pela mesma situação, suas experiências serão diferentes”, ou seja, a situação pode ser a mesma mas cada um tira dela seu próprio aprendizado, valor e experiência, cada um narra sua história conforme suas experiências adquiridas ao longo da jornada.

Assim, a autoetnografia revela-se como um caminho interessante para o bom desenvolvimento do trabalho ao valorizar a experiência de pessoas em relação a sua história.

2.6 Entrevista narrativa:

A entrevista pode ser definida como uma técnica de coleta de dados em que o entrevistador se apresenta ao entrevistado e lhe formula perguntas a respeito do problema investigado. Para Gil (1999), “enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram” (GIL, 1999, p. 117).

Especificamente, neste caso, utilizamos a entrevista narrativa em que, as pessoas narram suas experiências vividas por meio da oralidade, revelando fatos históricos que ocorreram desde suas infâncias e o entrevistador faz a transcrição dessa interação. Segundo Duarte (2004),

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados (p. 215)

2.7 Território de pesquisa:

A pesquisa foi realizado propriamente na Comunidade Kalunga Prata localizada no sudestetocantinense, com a realização de entrevistas orais desenvolvidas pelo pesquisador. Os entrevistados contaram que antigamente nessa região havia um grande fazendeiro que detinha parte do território, porém ele é bem grande em extensão, alguns antepassados dos entrevistados trabalhavam para o fazendeiro o que comunou com a mudança para a região, já outros contam que antigamente eles não tinha moradas fixas, então, sempre tinhamque se deslocarem em busca de terras férteis, água em abundância, local onde podia plantar, colher e viver bem com sua família. Alguns deles moravam a mais de 40 quilômetros, mas já plantavam roças nessa região, plantavam, colhiam e retornavam a suas moradas, daí percebendo que a distância era grande e que cá era um local bom, eles terminaram por mudarem para essa região e assim foi formando a Comunidade.

Mesmo sendo todos remanescentes afrodescendentes, a região só foi reconhecida como Quilombo Kalunga há menos de 10 anos, sendo que estão fixamente por lá a mais de 40 anos.

2.8 Colaboradores de pesquisa:

Para obtenção dos resultados esperados neste trabalho, foram realizadas entrevistas por meio da oralidade, pois os colaboradores não possuem

habilidades com leitura gramatical e escrita, e também a metodologia oral faz com que há uma proximidade entre entrevistador com o entrevistado juntamente com o seu território de pesquisa. A pesquisa foi realizada com os 4 moradores mais velhos da região, os primeiros que começaram a freqüentar e mais futuramente habitar aquele território, sendo 2 homens e 2 mulheres, em idade entre 60 e 85 anos.

Aroeira, mulher guerreira que foi esposa, hoje viúva, mãe de 10 filhos que sente a dor da perda de 6 deles, avó de 15 netos e já tem aproximadamente 20 bisnetos, viveu maior parte da vida na roça, hoje por motivos de doenças vive na cidade, porém tem muitas lembranças e grande desejo de retornar à vida da roça. Ipê Roxo, exemplo de força e resistência, esposa há 40 anos, mãe de 11 filhos, 8 nascidos na roça com auxílio de parteiras, sente a dor da perda de 2, avó de 14 netos. Mulher que sonhou em estudar, mas não teve oportunidade, porém lutou com todas as forças para que seus filhos tivessem a oportunidade que a ela foi negada e conseguiu fazer com que todos estudassem. Baru, esposo, pai, avô e bisavô, exemplo de quem busca preservar a cultura e tradição que aprendeu ao longo da vida, desde jovem tem grande apreço pelas folias e rezas, grande folião da região, mesmo agora depois de muitos anos e com a perda de seus 3 irmãos que também eram foliões, ainda continua disposto a seguir na jornada em guiar folias. Limoeiro, esposo há 40 anos, pai e avô até o momento, exemplo de luta e perseverança na caminhada, não desamina com pouca coisa, sempre em busca de ajudar o próximo, mesmo com as mãos calejadas e as marcas do tempo no rosto seu sorriso ainda brilha.

Algo que chama a atenção em todos é a disposição ao trabalho e o sorriso no rosto, todos ainda plantam suas rocinhas de toco com muita alegria (com exceção de Aroeira que vive na cidade, mas, mesmo assim planta no quintal o milho, mandioca e outros alimentos).

No próximo capítulo está a fundamentação teórica que constitui a base deste trabalho sobre a memória.

3.MEMÓRIA: BASE TEÓRICA

3.1 Gênero discursivo

“Os gêneros são modos de agir e interagir discursivamente, nos quais os discursos constituem modos de representação do mundo material, social e mental”. Seguindo esse pensamento, percebemos que os gêneros discursivos são tipos relativamente estáveis de enunciados, eles organizam nosso discurso e estão presentes em toda atividade comunicativa humana. Seguindo esse pensamento de Bakhtin (2003) classifica os gêneros discursivos como primários e secundários, sendo primários os mais simples, relacionados com o campo da oralidade, como o diálogo, o qual é considerado a forma mais clássica de comunicação, já os secundários são os mais complexos, como romance, conto, artigo de opinião, textos científicos, oficiais, manuais de instrução, entre outros.

3.2 Gênero discursivo memória

Delgado recorre a Lowenthal (2003, p. 15) que explica que toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado. (DELGADO apud Lowenthal, p.15).

Segundo Lara (2016), a memória pode ser entendida popularmente como a capacidade que o ser humano tem de conservar e relembrar experiências e informações relacionadas ao passado, sendo estas, parte de processos de interação de cada indivíduo com seu meio.

A memória é a principal fonte de depoimentos orais, nela está contida toda vivência individual e coletiva de cada ser. Trabalhar com a memória é também trabalhar com a história dos indivíduos envolvidos e a história oral é o caminho utilizado para produção do conhecimento. Ela recorre à memória como fonte principal que alimenta as narrativas que construirão o documento final, fazendo um elo entre presente e passado.

É na memória dos homens e mulheres que contém todas as informações de suas vivências individuais e coletivas; de lutas, conquistas, vitórias e derrotas, algumas podem estar adormecidas, mas jamais esquecidas, e ao conversarem elas (lembranças) vão surgindo com mais intensidade, algumas causam saudades, outras magoas, mas o sentimento de relembrar é a história daquele indivíduo e/ou daquela comunidade. “É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (CHAUÍ, 2000, p.125). Assim, a memória humana se refere àquilo que coleciona, conserva e armazena sobre sua própria experiência pessoal.

De acordo com Delgado(1999), a história e a memória são processos sociais, construções dos próprios homens e têm como referência as experiências individuais e coletivas da vida em sociedade.

A história é um processo que compartilha as experiências, é a produção do conhecimento que induz ao afloramento de lembranças registradas pela memória, procura e ordena os vestígios, relacionando-os à trama de reconstituição do processo histórico em todas dimensões possíveis. Além disso, recupera os lastros temporais e faz do homem sujeito reconhecedor de sua identidade através da vida em coletividade.

Para Guarinello, “História é uma produção intelectual e científica do saber, disciplina a memória, tira-lhe espontaneidade, mas enriquece as representações possíveis da própria memória coletiva” (DELGADO apud GUARINELLO, 1999, p. 111). A memória por sua vez é uma fonte informativa para a história, é um dos fatores presentes no resgate da história compartilhada e esteio da identidade, que por meio de um processo dialético contém as marcas do passado e as necessidades do tempo presente.

É possível, então estabelecer-se duas possíveis formas de relação da história com a memória. Na primeira, a história pode ser identificada como alimento da memória e, simultaneamente, a memória pode ser tomada como uma das fontes de informação para a construção do saber histórico. Na segunda, a História assume uma dimensão específica de cultura erudita, voltada para produção de evidências e, portanto, assume uma função destrutiva da memória espontânea. (NEVES, 1999, p.111)

Assim, percebemos a relação entre história e memória, sendo que a história pode ser identificada como alimento da memória e a memória como fonte de informação para construção do saber histórico.

3.3 História oral

Uma memória, involuntária, dependendo de acasos pessoais, não responde às necessidades objetivas da historiografia (WilliBolle)

A história deve ser contada por aqueles que a viveram ou vivem, porque somente eles são capazes de a contar com todos detalhes, sem falsas representações.

A metodologia da história oral utilizada neste trabalho, deve-se ao fato dos sujeitos entrevistados não possuírem habilidades com leitura e escrita, e ainda é a melhor forma de estar com esses sujeitos e ouvi-los profundamente. De acordo com Delgado 1999,

Faz parte dos procedimentos metodológicos que lhe são próprios reconhecer a importância de cada indivíduo/depoente

em si mesmo e em sua relação com a sociedade na qual está ou esteve integrado. Cada pessoa é componente específico de um amálgama maior que é a coletividade. Portanto, cada depoente fornece informações e versões sobre si próprio e sobre o mundo no qual vive ou viveu. (DELGADO, 1999, p.114).

A história oral é um dentre muitos procedimentos metodológicos que busca por meio de narrativas a construção do conhecimento histórico de determinado local e/ou povos. Que segundo Portielli “tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém formam um todo depois de reunidos” (Delgado apud Portielli, 1999, p. 114).

A verdadeira história não é hegemônica, há nelas suas contradições quando contada do ponto de vista de quem à viveu. Por isso, enfatizo que a história deve ser contada por quem fez/faz parte dela concretamente e não por alguém que “acha” que a vida daquele povo é tal maneira.

Para Delgado a história oral é um caminho para produção do conhecimento histórico e traz em si um duplo ensinamento: sobre a época enfocada pelo depoimento – tempo passado, e sobre a época na qual o depoimento foi produzido – tempo presente. Construindo assim, uma produção especializada de documentos e fontes, realizada com a interferência do/a pesquisador/a na qual se cruza intersubjetividades.

Um desafio encontrado na história oral é o da relação entre as múltiplas temporalidades, pois na entrevista, fala o jovem do passado pela voz do adulto presente, onde traz memórias de suas experiências e, também, lembranças que a ele foram repassadas.

Resumindo, a história oral é um meio, um caminho utilizado para produção do conhecimento histórico, onde recorre a memória como fonte principal que alimenta as narrativas que construirão o documento final, a memória é principal fonte de depoimentos orais.

Registrar a memória de determinado local e/ou povos por meio da história oral é uma forma de consumir aquilo que somente existe nas suas mentes e só podem ser conhecidas através da oralidade, está que a qualquer momento pode deixar de existir com o óbito de um desses depoentes. Então é registrando que

se manterá viva essa memória e ela poderá chegar ao conhecimento dos mais novos, porque estará registrada por meio da escrita e fotos. A oralidade é muito marcante nessa comunidade e é o maior meio de comunicação utilizado por eles, pois infelizmente a leitura e escrita lhes forma negadas.

3.4 Uma história que a “História” não conta

As narrativas brasileiras até hoje não reconheceram a história em seu todo, costuma ser fragmentada, contada por partes, as quais favorece apenas parte da população local. Os quilombolas, por exemplo, dificilmente aparecem bem representados nos escritos da nação, porque

é uma história contada a partir das leis imperiais, do ideário republicano, dos reformadores dos anos de 1920, dos pioneiros dos anos 1930, até dos neopioneiros de décadas mais recentes. O povo nessas narrativas ou não existe ou aparece passivo (ARROYO, 2014, p. 130).

Geralmente dados como inferiores, primitivos sem cultura, memória, saberes, identidades, mas eles existem e resistem as formas de explorações as quais foram submetidos por anos. Povos “explorados, oprimidos, mas sujeitos de ações, reações, resistências, afirmações. Pensados como marginais, como inexistentes na história oficial, hegemônica, porém existentes, resistentes.” E fazem e farão o possível para não serem apenas representações dos quais desconhecem suas lutas.

Povos que foram a base da estrutura de produção não podem ser meros telespectadores de suas histórias contada do alto. “Inferiorizar os povos diferentes em etnia, raça foi uma estratégia para não reconhecer sua igualdade de direitos”. Para tanto, precisamos desconstruir a segregação inferiorizante e para é necessário que as pessoas sejam protagonistas de suas histórias.

Arroyo 2014 nos adverte que

A presença de Outros Sujeitos nos remete a coletivos concretos, históricos, as classes sociais e os grupos subalternos, os oprimidos pelas diferentes formas de dominação econômica, política, cultural (...) fazendo-se presentes não como pacientes, passivos e submissos, mas em ações, resistências, lutas e

organizações, e fazendo presentes como atores na cena escolar, social, política, cultural e na produção de saberes (2014, p.37).

Para Arroyo esses “Outros Sujeitos” são os grupos sociais que se fazem presentes em ações coletivas e em movimentos.

Esses Outros, hoje, se encontram nos assentamentos, favelas, comunidades dentre outros lugares, e deixam suas marcas também nas universidades e espaços os quais não foram planejados para eles, pois se reconhecem como sujeitos de direitos e historiadores das próprias ações.

Aos entrevistados deste trabalho mesmo não lendo a escrita, mas ouvem sobre as histórias brasileiras, eles não se sentem representados nos escritos brasileiros, por isso, ficam entusiasmados ao ver que suas lutas, vivências, memórias serão transcritas e transmitidas a outros e talvez um dia possa ser conhecida e estudada nas escolas para que netos, bisnetos e outros vejam como foram resistentes e perseverantes nas lutas e conflitos diários para a própria subsistência.

Passemos ao próximo capítulo, com a análise das memórias dos nossos colaboradores de pesquisa.

4. MEMÓRIA E HISTÓRIA DO POVO KALUNGA DA COMUNIDADE PRATA

Este capítulo contém as entrevistas que foram transcritas mantendo a ordem e as palavras como faladas pelos colaboradores, com o objetivo de manter a originalidade da oralidade das pessoas entrevistadas. Além da análise geral, optamos ainda por fazer uma análise individual de cada entrevista, trazendo aquilo que mais marca na memória/relato de cada um dos colaboradores de pesquisa. Por ser uma comunidade abundante em belas árvores do cerrado e os moradores possuírem uma relação harmônica com a natureza, decidimos nomear os colaboradores de pesquisa com nomes de plantas do Cerrado da região do Prata, contexto de nossa pesquisa.

4.1 Memória de Ipê Roxo

Meu nome é Ipê Roxo, agora estou com 63 anos. Nasci no ano de 1957, na comunidade Kalunga Vão do Moleque, município de Cavalcante-Goiás, lá vivi alguns anos, como meu pai era vaqueiro trabalhava de fazenda em fazenda e assim vivíamos. Sai do Vão de Moleque e vim para o Prata com meus pais, daí com 20 anos, casei e mudei pro outro lado, mas continuei no Prata e daí saí de lá e vim pra cá onde estamos hoje na Lages. Infelizmente não tive a oportunidade de estudar por que naquela época a escola não era pra quem queria e sim pra quem podia (tinha condições financeiras), por que a escola era muito longe e aí tinha que ficar na casa de parentes ou conhecidos e na época da plantação. Nós que era pobre tinha que ajudar nossos pais na roça e então parava de estudar naquele período, e isso tornava difícil a aprendizagem e acabava abandonando a escola. Eu mesma frequentei os primeiros anos, mas com essa dificuldade apesar de querer muito estudar acabei me desmotivando e abandonei

a escola, hoje sinto como é difícil a vida para quem não tem o estudo. Quando comecei a sentir a dificuldade da vida para quem não sabe ler, então quando tive meus filhos fiz tudo que pude para que eles pudessem ao menos assinar o nome e Graças a Deus eu consegui fazer com que eles estudassem e não ficasse como eu. Tenho 10 filhos e todos estudaram, uns mais outros menos, mas todos sabem ao menos o básico para entrar e sair em qualquer lugar. Bom, voltando lá na minha juventude naquela época a gente vivia do que plantava na roça, no ano que era bom de chuva e a roça ganhava tinha fartura, já no ano que a chuva não colaborava ou chovia demais perdia muita coisa e era ano de precisão, tinha que ficar pegando coisas nas casas dos vizinhos. Também dava pra saber se ia ser ano de fartura ou precisão olhando a natureza, algumas árvores ao enflorar a gente já sabia o que daria com fartura naquele ano e ainda com as profecias de São João e São Pedro dava pra saber quais meses tinha mais chuva, mas hoje isso tudo mudou e não dava mais certo, não sei se é o tempo que mudou mesmo, nem se é as pessoas que não acreditam mais. O que não tinha na nossa comunidade era pano pra fazer roupas e sal, essas coisas uma vez por outra os homens iam na rua comprar, e a compra não era com dinheiro não, era por meio de troca, levava coisas da comunidade para trocar por pano ou sal, comprava o pano e nós mesmo fazia nossa roupa, geralmente era alguns pares de roupas, bem pouco mesmo, um feito de tecido compro e o resto feito de algodão fiado por nós mesmos, muitas vezes eu lavava a roupa e ficava no rio esperando ela secar para vestir novamente, no tempo da chuva acendia uma fogueirona e tinha que secar na beira do fogo. Uma vez mesmo eu só estava com um par de roupa melhorzinho e chegou a folia e então fomos pra fora receber a folia e fui beijar a bandeira e tive que voltar de costas pois a roupa estava furada atrás. A folia estava posada pertinho da nossa casa, meu pai ia levava minha irmã por que tinha um vestido que tinha ganhado e eu ficava por que a roupa tava rasgada (com tristeza diz: é difícil). Nosso calçado era sandália de couro quando tinha, por que maioria das vezes andava era descalço. Eu mesma vim calçar uma sandália sem ser de couro (havaianas) tinha meus 14 anos de idade e sapato fechado já tinha meus 16 anos. Ser criança era brincar com tora de pau (boneca), boneca de pano, era bom, até por que não tinha outro apelo. Penso que talvez as crianças de hoje seja melhor e mais felizes por que têm muitas coisas. As comidas era arroz, feijão, mandioca e seus derivados, milho e seus derivados tudo plantado por nós mesmos, carne de bicho do mato, frutas do mato, óleo de coco, gordura de gado e porco, esse óleo que compra de soja vim ver um eu tinha 11 anos e fiquei querendo o litro vazio só pra mim fazer um copo de beber água e ai pedi o vaqueiro de meu pai e ele ainda meu cobrou três pilão de arroz socado (limpo) (3 pilão de arroz é aproximadamente 6 kg de arroz), ai ele me deu o litro seco, não foi com o óleo não. Ai com esse copo bebia água, comia leite por que antes comia leite era na folha de pau. Cuidava da saúde arrancando raizada de pau fazendo remédios e bebendo, os mais velhos fazia e ia ensinando os mais novos. Mas mesmo com todo sofrimento que nós sofreu a saúde antigamente eu considero que era melhor, a gente não via falar nessas doencada que tem hoje. O trabalho era na roça, fazer a roça, plantar e colher, em casa era fiar, costurar, tecer roupas e cobertas de algodão. Em relação às tradições naquele outro tempo as pessoas era mais devotas e hoje não são mais porque as tradições estão até acabando. Na cidade só ia os homens quando ia, comprar panos ou sal, aguardente e pílula contra, por que era muito longe e iam a pé com as cargas nos cavalos, era entre 8 a 10 dias pra ir e voltar. Eu mesma vim conhecer a cidade de Cavalcante, tinha faixa de 24 a 25 anos por que já tinha casado tinha uma filha e ela estava doente, ai eu vim de carro com um garimpeiro que estava lá na região. Meu sonho era aprender a ler e ser uma costureira, isso eu morro e carrego esse sentimento, mais isso reclamo do meu marido pois eu tinha com que comprar minha máquina, mas naquela época mulher não podia fazer negócio ai ele pegou a minha vaca e vendeu e não comprou minha máquina, era meu sonho ser uma costureira até hoje sei cortar minhas coisas. Hoje tem muitas coisas estranhas, mas em outras partes já melhorou muito mesmo. Quando eu conto essas coisas para meus filhos e netos uns acredita outros não acreditam, pois não viram aquilo. Antes até os vizinhos

era bons mesmo, alguns era como irmãos, vizinhos que sempre olhava a necessidade do outro e ia socorrer, hoje ninguém tem tempo para ir visitar o outro, ninguém se importa mais com o outro, ninguém faz nada e ninguém tem tempo de visitar o outro. Hoje dizem que as comidas são melhor que antigamente, mas não é saudável como aquelas que eu fui criada comendo, a saúde também acho que antigamente era melhor, não tinha médicos assim como tem agora mas também não tinha essas doenças esquisitas que tem hoje. Eu mesmo com todo sofrimento e dificuldade considero que o tempo de antigamente era melhor, porque a comida era sadia, a saúde era melhor. Ao lembrar desse tempo sinto vontade de chorar porque o sofrimento era muito, mais ao mesmo tempo a saúde e a comida era melhor, sinto saudade da tranquilidade. (25 de agosto de 2019).

Ipê Roxo é o nome fictício da nossa primeira colaboradora de pesquisa, ela mulher negra, esposa e mãe de 10 filhos, nasceu na Comunidade Vão do Moleque. Mas, por inúmeros motivos não passou toda a vida nesta Comunidade e sim como nômades, depois de casada vive na Comunidade Kalunga Prata, onde teve e criou todos os filhos juntamente com seu esposo. Ao ser questionada sobre qual era seu sonho ela diz, *Meu sonho era aprender a ler e ser uma costureira, isso eu morro e carrego esse sentimento, mais isso reclamo do meu marido pois eu tinha com que comprar minha máquina, mas naquela época mulher não podia fazer negócio ai ele pegou a minha vaca e vendeu e não comprou minha máquina, era meu sonho ser uma costureira até hoje sei cortar minhas coisas.*

Nesse relato percebemos que, naquela época a mulher não tinha o direito de governar seu próprio dinheiro e fazer seus próprios negócios, pois como ainda hoje há uma inferioridade feminina em relação a masculina e como diz Santos (2006), “aos homens tradicionalmente se atribuem características como racionalidade, objetividade, decisão, liderança; enquanto que às mulheres são destinados atributos opostos, como afetividade, intuição e submissão”(Santos, 2006, p. 18).

A natureza sempre foi uma grande aliada dos povos dessa Comunidade, pois, por meio dela eles sempre fazem suas provisões, como é o caso de saber qual ano teria muito chuva e qual seria escasso de chuvas, podemos confirmar isso nas palavras da Dona Ipê Roxo, *Também dava pra saber se ia ser ano de fartura ou precisão olhando a natureza, algumas árvores ao enflorar a gente já sabia o que daria com fartura naquele ano e ainda com as profecias de São João e São Pedro dava pra saber quais meses tinha mais chuva, mas hoje isso tudo*

mudou e não dava mais certo, não sei se é o tempo que mudou mesmo nem se é as pessoas que não acreditam mais.

Percebemos assim, que ela não domina a leitura da palavra, mas por outro lado sabe e domina muito bem a leitura de mundo com relação a natureza, e Márcio Campos em conversa com Paulo Freire confirma que, “A inexistência de escrita não impediu que esses grupos humanos criassem outros instrumentos de transcrição e transmissão do saber, como os adornos, os ritos, os mitos e uma prática intensa da oralidade”.(Disponível em: www.sulear.com.br>texto06)

4.2. Memória de Baru

Eu me chamo Baru tenho 65 anos moro na comunidade Kalunga prata município de Paranã Tocantins. Nasci em 13 de setembro de 1954. Nasci Aqui mesmo na região, na verdade nasci na estrada de festa, a minha família estava indo para festa de São Gonçalo no vão do moleque foi quando nasci, aí tiveram que voltar. Sempre morei aqui meus antepassados eram daqui mesmo. Pessoas da roça não têm essas coisas de infância porque aqui começamos no trabalho é logo então não temos tempo nem de estudar imagina de brincar. Estudei somente até a segunda série do primário, parei porque tinha que ajudar meus pais na roça. Apesar de ser um bom aluno tive que parar meus estudos quando minha mãe pegou sua saia para fazer uma camisa para mim poder estudar, naquele dia parei e pensei a vida, não podia continuar a estudar tinha que ajudar minha mãe a cuidar dos meus irmãos. Escola naquele tempo era para quem tinha uma condição financeira melhor porque aí os filhos não precisavam ajudar os pais na roça. Então os filhos se dedicavam ao estudo. Eu como era pobre tive que escolher entre o estudo ou trabalho para ajudar a família e não passar fome. Ao me tornar adulto arrumei uma companheira tivemos sete filhos, todos nasceram aqui mesmo na comunidade com o auxílio de parteiras, a minha sogra ela foi grande Parteira. Então ela é que ajudava as mulheres aqui na comunidade a ter seus filhos e continuamos aqui onde nasci, aqui criei meus filhos e hoje já sou avô e bisavô e ainda continuo aqui. Sempre trabalhei como lavrador na agricultura, criação de animais, fui garimpeiro e também sou folião, gosto muito das tradições da comunidade, sou rezador e assim levo a vida com a minha família e meus vizinhos. É uma comunidade grande em extensão de terra, porém com poucos moradores. Mas é uma comunidade tranquila os vizinhos são como irmãos um se preocupa com a situação do outro. Em relação as tradições, elas já foram bem melhores ou seja as pessoas já foram bem mais contritas aos Santos, a Deus fazia as coisas por devoção. Hoje em dia eles já faz mais por uma obrigação então não tem mais aquele cuidado, aquela fé, nós velhos estamos um pouco cansado não damos conta de muito das coisas e os mais jovens não é que tem muito interesse, leva tudo na brincadeira sem muita atenção, isso acaba perdendo um pouco o sentido da nossa tradição, da nossa devoção. Já o trabalho sempre foi mesmo agricultura, a criação de animais, o garimpo né, muitos de nós garimpava para ter um ouro e vender esse ouro para conseguir um dinheirinho para comprar alguma outra coisa que a gente não conseguia produzir aqui na comunidade. As comidas era mesmo as coisas que a gente plantava aqui arroz, feijão, a farinha, mandioca né e algumas frutas da mata também a gente comia e comi ainda hoje. Nosso óleo era óleo de coco, óleo de porco né toicinho e gordura de gado né, era tudo mais saudável. Já hoje em dia muitos fala

que essas gorduras prejudica, mas não sabe eles que o que prejudica mesmo é o óleo de soja que a gente compra lá naquele mercado. As roupas eram feitas de algodão aqui mesmo na comunidade, dificilmente o homem patriarca da família ia na cidade né, para comprar sal e algum tecido, trazia o pano e as mulheres que costurava alguma roupa, mas no mais era só a de algodão mesmo. Também não é para dizer que tinha muita roupa era poucas que geralmente você tinha um conjuntinho para ficar em casa e outro para sair para uma repartição, para uma festa, alguma coisa assim. Calçado era sandália de couro que no tempo da seca era dura demais e no tempo das água (chuvas) mole demais, mas era a vida né, então era isso que a gente tinha e para não andar descalço o tempo todo tinha que haver com ela. Sapato fechado mesmo, botina eu vim calça 1 eu tinha 14 anos que eu trabalhei consegui o dinheirinho aí um parente estava indo na cidade mandei comprar uma botina para mim, aí touxe, porém um número menor do que o calçava, mas mesmo assim calcei, fui para festa mas a dor arrojada meu pé, mesmo assim continuei com ela só que quando tirei meus dedos já estavam todos comidos porque além de não ter o costume ela era um número menor do que usava. Como tudo né tem seu lado bom e seu lado ruim, ser criança naquela época era bom né, porque a gente era livre era mais feliz, porque não tinha todas as regalias que tem uma criança hoje, mas a gente tinha acima de tudo o cuidado um pelo outro e o respeito né. Hoje em dia, as crianças têm muitas coisas mas falta o essencial que é o respeito, que é o cuidado um pelo outro, respeito com os mais velhos, hoje você não vê isso entre as crianças. A gente não tinha brinquedo que já vem pronto mas a gente usava criatividade né, fazia nossos próprios brinquedos ali com as coisas da natureza carrinho de buriti, cavalo, gado, a gente usava muito a nossa criatividade para poder ter com que brincar. Naquela época eu não ouvia muito falar em doenças como hoje né, mas a gente tomava muitos remédios, comia muitas frutas do mato que hoje a gente vê aí passando na televisão e muitas delas já era planta medicinal né, só que a gente comia para encher a barriga né, e hoje vemos que ela já era uma forma de evitar tal doença. Então a gente quando sente alguma coisa assim e os mais velhos já tinha ensinado para nós e tal, a gente sempre tinha aquelas plantas que a gente já sabia para que servia, como utilizar. Então dependendo da dor do que a gente estava sentindo já ia na planta certa fazer o chá ou fazer a garrafada e ia tomando para prevenir né. Porque não tinha muita circulação para cidade então era a ver com o que tinha na comunidade com as plantas medicinais que os nossos antepassados já vimos utilizando e foi passando de geração para geração o uso daquela planta para que servia e como utilizava. Era assim que a gente cuidava da nossa saúde. Mas aí hoje coma tecnologia, com a indústria tudo já vai mudando né, tudo hoje tem que correr para cidade para o médico porque muita das vezes você tomar um remédio e sentir mal e o médico denunciar você ainda é perigoso ir preso né por ter usado aquele medicamento sem uma instrução de um profissional. Ah, então tá acabando o uso dessas plantas medicinais, mas, esses mais novo esquecem que todo medicamento vem das nossas antigas plantas né, só que ali passou por uma industrialização, por um processo. E aí tá lá na prateleira da farmácia, mas ele é da nossa natureza. Meu sonho era mesmo ter pelo menos estudado, estudar eu acho que é um sonho que muitos que não tiver essa oportunidade. Mas por eu não ter tido essa chance de estudar eu quis muito que meus filhos estudasse, porém nem todos eles quiseram continuar o estudo, mas ao menos eles não ficaram como eu né, porque eu fui porque realmente não tive oportunidade já eles foi porque não quis. Assim, eu sei que o sofrimento antes ele era bem maior, porém eu considero que antigamente era melhor por questão de mais sossego, mais saúde, até mais amor né, as pessoas antes ela era mais amorosa ela se preocupava mais uma com a outra, os vizinhos se viam mais, contava mais histórias, um visitava mas o outro né, agora hoje tá assim ninguém tem tempo, ninguém faz nada e é cada um por si. Apesar de antes também não ter a diversidade de comida que tem hoje, mas nossas comidas era mais saudáveis, a gente sabia da onde ela estava vindo todo processo que ela estava passando, então ela era mais saudável. Hoje muitas vezes a gente come uma comida aí, que a gente não sabe o processo dela, não sabe de onde que vem não sabe quem

produziu, só sabe que ela tá cheia de agrotóxico, de substâncias né, que prejudica a nossa própria saúde (20 de maio de 2019).

Na memória de Baru, homem de 65 anos, nascido e criado na comunidade Prata, participante das tradições locais, o que chama nossa atenção é seu relato feito sobre seu tempo de criança, quando teve que optar pelo trabalho ou estudo, e percebendo a dificuldade da época e a falta de incentivo para os estudos mesmo sendo bom aluno teve que deixar a escola para ajudar os pais na roça, por que era o único meio de sustento alimentar e vestiário e ele diz; *Estudei somente até a segunda série do primário, parei porque tinha que ajudar meus pais na roça. Apesar de ser um bom aluno tive que parar meus estudos quando minha mãe pegou sua saia para fazer uma camisa para mim poder estudar, naquele dia parei e pensei a vida, não podia continuar a estudar tinha que ajudar minha mãe a cuidar dos meus irmãos. Escola naquele tempo era para quem tinha uma condição financeira melhor porque aí os filhos não precisavam ajudar os pais na roça.*

Se ainda hoje a pobreza tem grande influência no processo de ensino aprendizagem de muitos, vemos que naquele período era bem pior, nosso depoente relata que nem roupa adequada possuía para estar naquele espaço.

Outro fato interessante que ela relata é sobre as tradições locais e faz um contra posição com relação a antes e agora; *em relação as tradições, elas já foram bem melhores ou seja as pessoas já foram bem mais contritas aos Santos, a Deus fazia as coisas por devoção. Hoje em dia eles já faz mais por uma obrigação então não tem mais aquele cuidado, aquela fé, nós velhos estamos um pouco cansado não damos conta de muito das coisas e os mais jovens não é que tem muito interesse, leva tudo na brincadeira sem muita atenção, isso acaba perdendo um pouco o sentido da nossa tradição, da nossa devoção.*

Segundo Rodrigues e Machado (2010), com a aceleração da história, cada vez mais o cotidiano afasta-se das vivências da tradição e costumes, fazendo com que a memória: deixe de ser encontrada no próprio tecido social, necessitando de lugares especiais para serem guardadas (p. 25)

4.3. Memória de Limoeiro

Meu nome é Limoeiro, eu nasci em 15 de agosto de 1953, hoje eu tô com 66 anos. Nasci na fazenda Prata né. Na verdade, eu nasci em 29 de dezembro de 53, mas naquela época só registrava os filhos depois de algum tempo aí quando foi me registrar colocaram que eu nasci em 15 de agosto, e nem sempre eram os pais que ia fazer o registro né. Morei lá onde eu nasci por muitos anos só saí de lá depois que me casei, que mudei para cá para onde eu estou hoje com a minha família. Lá eu morava com meus pais e trabalhava sempre na roça mesmo, com a plantação de coisas para alimentar, criação de animais. Infância... assim do tempo que a gente já dava para fazer alguma coisinha, então, já tinha que estar ajudando os pais né, seja na roça, seja com os animais, seja nas tarefas doméstica, então primeiro a gente cumpria nossos deveres para depois ter um espacinho para brincar. Eu estudei até a quarta série do primário e depois tive que parar né, a escola era muito longe tinha que ficar nas casas de parentes e ainda tinha que ajudar os pais na roça né. Só ia na escola na época que não estava mexendo com plantação, estudava algum período quando dava na época de mexer com as roças, quando ia fazer as plantações tinha que voltar para casa para ajudar os pais na roça né, porque é de lá que tirava nosso sustento, aí nesse vai e vem acabava não aprendendo muito né, aprendendo menos do que os alunos que estava lá todo dia e aí a gente ia desmotivando até acabava abandonando a escola para poder ter sempre o comer ajudando os pais na roça. Se ainda hoje para quem não tem o dinheiro para estudar é difícil você imagina naquela época que nem roupa a gente tinha para ir para escola. Eu me casei com 24 anos, que foi quando eu comecei a trabalhar de roça aqui onde estou hoje. Nesse tempo eu vinha e voltava todos dias, era longe mas era preciso, aí foi ficando cansativo e por aqui ser um lugar tranquilo resolvi vim demorada para cá com minha família. E aí estamos aqui até hoje e não pretendo sair né, só depois que eu morrer. Eu e minha esposa tivemos 10 filhos né, 7 nasceu aqui mesmo na roça e 3 já foi na cidade, as três mais novas nasceram na cidade. A vida em comunidade ela é muito boa, ainda mais nós que nunca teve muito contato com a cidade grande então viver aqui na roça é muita tranquilidade, muita paz, muito companheirismo né dos vizinhos, nossos vizinhos aqui mesmo é como irmãos para gente quando um precisa vai atrás do outro ele vem ajuda quando outro precisa a gente vai é sempre um dando a mão para o outro. Quanto as tradições eu não fui folião, não sou rezador mas eu sempre gostei de estar participando né, ajudando, nas época de folia eu sempre coloco meus cavalos à disposição dos folião que gostam de ir né, e o que percebo hoje é que elas estão perdendo um pouco sentido tem muitas brincadeiras assim que não é daquele momento, os mais velhos estão ficando cansados né e os mais jovens não leva muito a sério a nossa tradição, a nossa Folia, nossas rezas, quer mais saber mesmo é de diversão, claro que tem a diversão né, mas tem que ser tudo no momento certo. Primeiro vamos acabar com a nossa obrigação e depois vamos todo mundo divertir ali né feliz todo mundo sem brigas. Um costume que eu sempre gostei e pratiquei ainda hoje pratico é o da profecia de São João e São Pedro, nessas profecias a gente ficava sabendo quais seriam os mês que teria muita chuva e os mês que não teria chuva, nisso a gente se baseava para poder fazer nossas roças e plantar, E também o da fase da lua né porque em cada fase há um significado e esses significados diz muito sobre as nossas plantações e colheita. Mas hoje em dia se a gente fica falando isso muitos desses jovens diz que é ilusão, superstição e que não tem nada a ver, mas antigamente isso dava muito certo. Nosso trabalho sempre foi ainda é a agricultura, criação de animais, pesca, a caça, também já caçamos muito, hoje nem praticamos isso mais. As comidas era mesmo as coisas que a gente plantava colhia e comia frutos do mato, a pesca, caça. As roupas eram feitas de algodão aqui mesmo pelas mulheres da comunidade. Antes de casar nossa mãe, depois que casa nossas mulheres. Dificilmente tinha uma roupa que era tecido mesmo e vindo da cidade, no mais era roupas de algodão mesmo confeccionadas pelas mulheres da Comunidade. Pouco se via falar em doenças né, mas eu acho que a gente sem saber já ia se prevenir contra muitas

doenças, porque nossa alimentação era aquilo que a gente plantava mesmo, e era muito saudável, também tinha muitos frutos do mato que hoje a gente vê passando que é medicinal e a gente comia ali não por ser medicinal mas por ser um alimento e a gente precisava se alimentar, sem contar que tomava né muito chás ali das plantas que os mais velho ia passando para gente que era bom para isso bom para aquilo, então a gente sempre estava tomando algum remédio caseiro, lá, então sem querer/saber a gente estava sempre medicado, porque todo medicamento que existe hoje lá nas farmácias a raiz dele é aqui das nossas plantas medicinais né. Ele é derivado de alguma outra planta medicinal do Cerrado ou de qualquer outro lugar. Já hoje tudo que sente tem que procurar um médico porque ele estudou para aquilo, então nossos costumes de remédio caseiro muitas vezes começa cair no esquecimento. Os mais jovens nem todos confia no poder de um remédio caseiro não sabendo eles que todo medicamento é derivado de uma planta medicinal só que passou com o processamento né e agora tá lá nas farmácias. Naquele tempo a mulher não ia na cidade quem ia era o homem quando ia porque geralmente ia uma vez por ano, só mesmo para comprar o sal, algum tecido, um aguardente, pouquíssimas coisas e a mulher sempre ficava porque a viagem era muito longa tínhamos que ir a pé com os cargueiros nos cavalos e demorava muito, era quase 3 dias para a gente chegar na cidade, outros 3 dias para chegar cá na comunidade de novo. A gente colhia né o arroz, o feijão, milho, fazia a farinha e levava para cidade para vender a troco do sal ou de um pano para mulher fazer uma roupa cá. Hoje assim eu não gosto de ficar falando muito sobre as nossas tradições costumes porque muitos nossos filhos ainda acredita mas outros diz que é superstição que é besteira que era só a ilusão mas eu acreditava e ainda acredito e penso que naquele tempo era muito melhor algumas coisas. Ao lembrar do passado, eu sinto saudades né, eu sei que o sofrimento era muito, só que muitas coisas era bem melhor a nossa saúde era outra. Nossa tranquilidade era muito boa, harmonia entre os vizinhos, o cuidado um com o outro era bem diferente, as pessoas tinham mais tempo uma para outra, uma sempre visitava outra. Eu sei que muita coisa mudou mas algumas coisas poderia ter continuado do mesmo jeito né. Por exemplo essa harmonia entre as pessoas deveria ter continuado. Hoje tá todo mundo ocupado ao mesmo tempo ninguém faz nada e ninguém tem tempo um para o outro. Ainda lembro que antigamente na época de semana santa os vizinhos se reuniram para dormir uns na casa dos outros e ali contava muitas histórias, rezava, ia dormir já tarde da noite sempre contando histórias rezando fazendo fogueira, e hoje isso não acontece mais. Em partes, eu considero que antigamente era melhor já em outras partes não mas assim antigamente era melhor porque nossa saúde era melhor nosso cuidado com o outro era melhor só que havia muitas dificuldades a mulher por exemplo ela não tinha o valor que ela tem hoje, mulher antigamente não se pegava em dinheiro tudo era o homem, o homem que fazia negócio, o homem que isso o homem que aquilo e a mulher era sempre deixada só para cuidar da casa dos filhos e ainda ajudar o marido na roça. Então quanto a isso foi bom mudar mesmo porque hoje em dia a mulher, ela faz o que ela bem entende que pode fazer assim como homem também né. E também se chega de adoecer na comunidade é levado para cidade e para o médico então a gente sempre sabe o que a pessoa tá sentindo, toma aquela medicação certinha. A facilidade hoje tá mais fácil né, mas acesso a indústria, a tecnologia e tudo mais o que antigamente era muito demorado hoje já é tudo mais fácil. A comunicação mesmo entre as pessoas moço levava meses para uma carta chegar ao outro o comunicado. Hoje não, em questão de segundos você já tá comunicando com outro. Só que aqui para nós ainda é um pouco demorado né porque ainda não temos rede telefônica aqui na comunidade, então ainda trabalhamos com a carta mas mesmo assim já é mais rápido hoje e tem os veículos então eu posso pegar uma moto e ir lá na cidade rapidinho e voltar de novo para comunidade é bem mais fácil. Então assim, só mesmo a parte das comidas, nossas comidas era bem mais saborosas, nossa saúde era melhor porque só comia coisas naturais saudáveis aqui da comunidade, a tranquilidade também que era melhor mas precisava mesmo do

desenvolvimento e com ele chegou essas coisas indesejáveis mas é sempre assim ela não deixa nos levar por aquilo que não nos convém. (25 de maio 2019).

Limoeiro descreveu sua jornada desde seu tempo de criança até sua vida adulta, fazendo paralelos entre seu princípio e as mudanças advindas com o passar dos anos. Algo que nos chama a atenção é o fato tecnológico em relação à comunicação e ele diz: *A comunicação mesmo entre as pessoas moço, levava meses para uma carta chegar ao outro o comunicado.* Ou seja, às vezes quando a carta chegava ao seu destino nem servia mais, pois, já havia passado a necessidade. E então ele acrescenta; *hoje não, em questão de segundos você já tá comunicando com outro.* Percebemos que a rede telefônica trouxe uma rapidez e agilidade na forma de comunicação, o que facilita muito a vida de todos e principalmente deles que maioria dos filhos moram em grandes cidades.

Outro fato importante de sua memória é do da harmonia entre os vizinhos quando diz; *Ainda lembro que antigamente na época de semana santa os vizinhos se reuniam para dormir uns na casa dos outros e ali contava muitas histórias, rezava, ia dormir já tarde da noite sempre contando histórias rezando, fazendo fogueira, e hoje isso não acontece mais.*

4.4. Memória de Aroeira

Meu nome é Aroeira, nasci na Comunidade Vão do Moleque em 08 de abril de 1935, agora estou com 85 anos de idade. Durante minha mocidade mudei várias vezes, mas só de fazendas a comunidade era sempre Vão do Moleque, minha mãe morreu quando eu era ainda criança, logo mais tarde meu pai também faleceu e eu fui morar com meu irmão. Não frequentei a escola, pois naquela época meu pai não deixava estudar, para moça não mandar carta pra rapaz, povo era ignorante, meu irmão estudou e me ensinava em casa mas um dia eu não consegui ler o abc completo e ele não me ajudou então zanguiei e desisti de estudar. Na minha mocidade não via nada, então não tinha sonho de nada, não pensava em nada era só ir para festa e farrear. Depois de grande, aí tinha que fiar para fazer roupa de algodão, aí me interessei em bordar e fiar. Ainda na minha mocidade se tivesse aprendido assinar meu nome tinha vindo para Cidade trabalhar, mas como não tinha aprendido fiquei com medo de vir e sofrer mais. Naquele tempo a vida era dura. Os homens acordavam na madrugada pra ir pra roça e as mulheres pra fiar algodão pra fazer roupas e cobertores que servia pra nós e pra vender ou trocar por coisas que nós não produziam como sal. Casei com 20 anos, e vim para beira do Corrente, em seguida 5 anos no Atoleiro, depois para Palmeiras, depois pra Labanquinha e por fim beira da Lages que é onde estamos até hoje, meu marido era vaqueiro e por isso vivia mudando. Nós já sofreu. E essas viagens era tudoapé, só tinha dois cavalos meu marido colocava a carga em um e montava no outro e eu e os filhos ia a pé. Tive 10 filhos cinco vivos e cinco mortos. As comidas era arroz, angu, fava, milho, feijão, mandioca, caça, pesca tinha de tudo mas era tudo nós que plantavam, não

conhecia o óleo que tem hoje, já estava velha quando esse óleo apareceu, nós temperava era com gordura de porco e óleo de coco que nós mesmos tirava, no tempo que a roça perdia passava muita precisão. Nós sofreu. Principalmente depois que meu pai morreu, comia beju de coco. As festas, folias e romarias eram boas, iam em todas e divertia muito com todos, na capela romaria do Vão do Moleque ia todos os anos, parei mais depois que casei por que tive filhos e nem sempre tinha jeito de ir. Depois que mudamos pra Lages ai parei de ir pois é muito longe e fui ficando velha. Antes a gente festava bastante, mas primeiro cumpria com as obrigações pra depois divertir, por exemplo primeiro todos participava da devoção, das rezas e depois que ia dançar, já hoje parece que a devoção ficou pra traz, as pessoas vão mais é só pra farrear mesmo, beber muito e às vezes até brigar por besteira, são poucos os que vão pela devoção. As roupas eram feitas de algodão pelas mulheres da família, roupa de tecido era um par para hora de ir nas festas, sandália era de couro, e maioria das vezes descalços, na festa mesmo eu não gostava da sandália de couro então preferia festar descalço. Já sofri muito, hoje parece que tudo é rico, agora temos muitas roupas, muitos calçados. Com 48 anos, eu tive uma doença na minha boca, começou sintomas em 1982 mas com a falta de recursos e a dificuldade só consegui sair no ano seguinte, eu sentia dores nos dentes, na gengiva, as gengivas ficaram feridas e então com a demora para procurar cura acabei perdendo o queixo todo, por isso uso esse pano. Fiquei seis meses em Brasília no Hospital de Base sozinha, sem acompanhante, durante todo esse tempo recebi apenas três visitas pois era muito difícil para ir lá me ver, com essa doença eu considero que morri e vivi novamente, pois foi uma coisa absurda essa doença. Ninguém pôde me acompanhar porque meu marido não podia deixar a nossa casa sozinha, minha filha estava grávida e meu genro não podia deixá-la sozinha com as crianças, até porque eles tinha que ficar lá para conseguir fazer alguma coisa para comer porque naquele tempo só comia quem plantava e colhia. Eles de vez em quando tinha notícias minha, porque um homem que morava em Cavalcante e tinha telefone deixou seu número no hospital e os médicos sempre ligava para dar notícias minhas a minha família, então o homem escrevia carta e mandava para meus familiares na roça. E eu lá doente pensava se eu morrer ninguém mais vai me ver, pensava muito nas minhas netinhas que tinha deixado na roça. Era muito difícil a vida naquele tempo. Mas agradeço muito a Deus por isso, naquele tempo realmente os médicos eram comprometidos com a vida do paciente, hoje em dia ninguém mais sai sozinho, ninguém consegue nem sair se não tiver um acompanhante. E naquela época apesar da dificuldade eu fui sozinha e consegui voltar com saúde, fui curada dessa doença, muito tempo se passou e ainda estou aqui e me sinto saudável. Quando eu estava boa e o médico ia me liberar ligou em Cavalcante, o velho Elizeu mandou carta para minha família, meu genro e meu marido foram me buscar em Brasília. E o pior é que eu ainda estava sem documentos, de documento que eu tinha naquela época era só o certidão de batismo, eu mesma não era registrada ainda. Vim ser registrada quando voltei de Brasília que meu marido veio em Cavalcante tirar meu registro, povo naquela época era muito descuidados, ou achava que nunca ia ter precisão. Em 2009 meu marido faleceu, daí ficou eu, minha filha, meu filho, meu irmão e meu neto que cuida de mim ainda hoje. No início vinha na cidade e voltava para roça de novo. Daí meu irmão ficou doente e minha maior assistência agora está na cidade. Mas mesmo assim quero ainda voltar para roça, pois lá tenho mais tranquilidade e é o lugar onde nasci, me casei e fui criada, tenho saudades da roça. Eu sei que o sofrimento antigamente era desumano, sofrimento muito grande, passava fome, frio, mas mesmo assim gostava daquele tempo por que as pessoas eram mais unidas, não se tinha tanta doença ou pelo menos nós não ouvia falar. Só comia o que plantava e colhia mas tudo isso era saudável, hoje em dia tem muita variedade de comida, mas são comidas cheias de veneno que nos deixam doentes. Agora mesmo morando em Cavalcante até o arroz dificilmente comer um arroz da roça, pois meu neto que devia fazer o trabalho de roça tem que ficar aqui pra cuidar de nós, por que minha filha mãe dele também é doente, tem problemas de coração. Fico aqui mesmo porque tudo é por Deus, na roça a gente cria galinha, um porco, planta

coisas, aqui na rua se tiver um dinheiro tem muito senão passa precisão. Saudades de ir embora. Relembrar esse passado me traz tristeza, gratidão e muita saudades. Sei que a vida era dura, muito sofrida mas mesmo assim foi bons tempos. Os vizinhos eram mais unido visitava mais um aos outros, as pessoas todas parece que era mais humanas, se preocupava umas com as outras, ajudava umas outras, lembro mesmo que quando um estava no aperto o outro sempre estava ali para socorrer, nas roças mesmo era de costume fazer mutirão para limpar a roça, para colher as plantações, então eram bons tempos né, mesmo com todo sofrimento foi bom. (11 de janeiro de 2020).

Aroeira nossa quarta colaboradora e com nome fictício escolhido a caráter indica que é uma mulher forte, que passou por grandes batalhas, mas, que resistiu a todas e ai está firme como cerno de uma aroeira. Ela destaca seu percurso desde seu tempo de criança até os dias atuais, revela que diferente dos demais entrevistados, não pôde estudar por ignorância do próprio pai, que dizia que moça naquele tempo não podia estudar para não mandar cartas para rapazes, e assim ela diz; *Não frequentei a escola, pois naquela época meu pai não deixava estudar, para moça não mandar carta pra rapaz, povo era ignorante, meu irmão estudou.*

Percebemos com esse relato o poder patriarcal e a desigualdade de gênero que sempre inferioriza a imagem feminina diante do ser homem. No site brasil escola podemos compreender um pouco sobre o assunto quando descrevi,

A desigualdade de gênero é um problema antigo, porém atual. Desde os primórdios da humanidade, a maioria dos povos caminhou para o desenvolvimento de sociedades patriarcais, em que o homem detinha o poder de mando e decisão sobre a família. Esse modelo foi transposto do âmbito familiar privado para o âmbito público, fazendo com que sistemas políticos desenvolvessem-se pelo comando masculino. (disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/desigualdade-de-genero.htm>. acesso; 12/12/20)

Para as pessoas entrevistadas as memórias mais marcantes são a do seu tempo de criança, pois foi o período que determinou quem eles são hoje e como resolveram criar os filhos a partir das dificuldades por eles enfrentadas. Podemos notar que nenhum teve a oportunidade de estudar, por esse motivo e por sofrer as consequências da falta de leitura e escrita ao terem os filhos fizeram o possível para que os filhos estudassem. Outro fato em comum entre eles é a

relação, comunicação e diálogo com a natureza. Que a natureza é viva todos sabemos, mas essas pessoas têm um diálogo diferente com ela e por meio dela projetam suas vidas, atividades agrícolas e domésticas.

4.5. ler e escrever: um sonho

Ao realizar as entrevistas e observações, percebemos que os entrevistados tinham muitos sonhos e, por vezes, até simples, mas que pela falta de conhecimento e oportunidades os sonhos não foram realizados. Um sonho simples e que era desejos da maioria, (escrever e ler), mas que não tiveram a oportunidade por que naquela época a escola pertencia somente a alguns e a quem tivesse condições necessárias para ir até a escola. E eles (os entrevistados) não dispunham dessas condições. Eles tinham que trabalhar com seus pais nas lavouras para obter o sustento de toda a família em todas as questões e então não sobrava tempo para irem à escola e, por vezes, não havia nem os trajenes necessários para ir à escola.

eu era estudante e era até dos melhores mas tive que parar os estudos por que um dia eu não tinha roupa adequada para ir e minha mãe cortou uma saia dela para fazer uma camiseta pra mim, no primeiro dia eu fui, mas ai fiquei pensando que eu devia era ajudá-la e não tirar, então logo em seguida deixei os estudos e fui para roça para ajudar minha mãe e meus irmãos (Baru, 2019).

Como podemos ver nesse relato, o entrevistado gostaria de ter estudado, mas para ele naquele momento a prioridade era o bem estar de sua família, e a mãe sabendo que sua ajuda na roça era necessária não fez questão de que ele continuasse os estudos. A leitura e escrita a cada dia torna parte essencial da vida humana, porém eles compreendem que naquela época as coisas eram difíceis e não tiveram quem o incentivassem.

4.6 Êxodo rural: a necessidade de ir

É notável nas falas dos colaboradores da pesquisa o distanciamento dos jovens com as tradições locais, isso se deve ao fato deles estarem indo para a cidade em busca de investimento nos estudos e/ou trabalho renumerado.

O que a tempos atrás era impossível para a juventude da época agora tornou-se solução para os jovens hoje, pois hoje os pais são importantes mobilizadores dos filhos a investirem nos estudos, como eles (os pais), apesar de sonharem com o estudo e não tiveram a oportunidade, então quis e se esforçam o possível para que seus filhos realizassem um sonho que também eles sonharam. Silva (2016) salienta que

o baixo número de jovens na zona rural é resultado da falta de políticas públicas voltada para permanência daqueles que vivem no campo. Por não terem condições de sobreviver da agricultura, nem emprego e renda e nenhum tipo de incentivo por parte das autoridades municipais, muitas famílias acabam indo morar em cidades circunvizinhas ou em cidades de polos têxteis em busca de uma vida melhor, contribuindo assim para o êxodo rural existente no município (disponível em: www.centrosabia.org.br. Acesso, 10/08/2020)

E acrescentam Zago e Bordignon(2012):

O jovem hoje se vê confrontado com diversas realidades, tanto em relação ao meio rural, associados às condições concretas de trabalho e de identidade na profissão, quanto urbano e tudo que este representa em termos simbólicos, enquanto possibilidades de lazer, renda regular, entre outros benefícios que avaliam poder usufruir. Dentre os que partem, cresce o número daqueles que ingressam no ensino superior na perspectiva de melhorar suas chances no mercado de trabalho e condições de vida, pela ampliação do capital cultural (p.7)

Assim sendo, percebemos o dilema que a juventude enfrenta entre o “sair e ficar” no campo, pois no decorrer dos anos o investimento em mudanças e tecnologia vão aumentando, e com isso nossas necessidades e anseios pelo novo também aumenta, e como ainda não existem políticas públicas voltadas a atender os anseios das zonas rurais o “único” método que temos é sair de nossas respectivas realidades e buscar outras que talvez nos propiciem melhorias.

4.7 Comunidade Prata: a arte do aprender

“Viver no Kalunga é coisa para gente forte, de bom coração, trabalhadora, e acima de tudo, para aqueles que tem fé em Deus e no seu trabalho” (CÂNTIA E BOLONI, 2004, p.6).

Quando se fala ou pensa em um território logo imaginamos com se comunicam, vivem, organizam e trabalham esses moradores, aqui não seria diferente. A comunidade Prata é extensa em área territorial e as famílias moram a quilômetros de distância uma das outras.

O trabalho base da comunidade é a agricultura e criação de animais, a roça de toco ainda é o grande meio de produção da região, geralmente cada família constrói a sua, porém em alguns casos fazem roças em conjunto, dividindo o trabalho e a produção meio a meio. Em outros casos, principalmente, na época da colheita eles fazem um trabalho de mutirão, em que uma família ajuda a outra nas colheitas e quando esta termina vai ajudar outra e assim sucessivamente. Também no caso de uma família na fazer a plantação ou suas colheitas não forem bem sucedidas costumam fazer o trabalho de meio, que é quando alguém assume fazer a colheita na roça do vizinho e este divide a produção ao meio.

Ainda, hoje, é uma comunidade conservada pela comunicação oral e interação conjunta, mesmo que com o passar dos anos a interação tenha se enfraquecido, os mais velhos ainda se esforçam para estar com seus companheiros principalmente em momentos de dificuldade.

Para quem vivem em comunidade quilombola sabe bem a necessidade da natureza, por que é praticamente dela que vêm maior parte do sustento, é dela que vem os alimentos, tantos os que as pessoas cultivam como também os que a própria natureza produz e serve de alimento para muitos. Há uma relação harmoniosa entre os moradores e ela, eles têm consciência do que precisam para sobreviver então extrai da natureza somente o que é necessário, sem ganância.

4.8 As controversas: cidade e campo

A cidade nos proporciona oportunidades que não encontramos na comunidade, como emprego e renda, estudo, diversidades de lazer e profissão.

A senhora Ipê Roxo por exemplo diz:

Meu sonho era aprender a ler e ser uma costureira, isso eu morro e carrego esse sentimento, mais isso reclamo do meu marido pois eu tinha com que comprar minha

máquina, mas naquela época mulher não podia fazer negócio ai ele pegou a minha vaca e vendeu e não comprou minha máquina, era meu sonho ser uma costureira até hoje sei cortar minhas coisas. Hoje tem muitas coisas estranhas, mas em outras partes já melhorou muito mesmo. E o senhor Limoeiro acrescenta: Naquele tempo a mulher não ia na cidade quem ia era o homem quando ia porque geralmente ia uma vez por ano, só mesmo para comprar o sal algum tecido, um aguardente, pouquíssimas coisas e a mulher sempre ficava porque a viagem era muito longa, tínhamos que ir a pé com os cargueiros nos cavalos e demorava muito, era quase 3 dias para a gente chegar na cidade, outros 3 dias para chegar cá na comunidade de novo.

Quando ela diz que algumas coisas melhoraram, está também dizendo que mulher ganhou um pouco mais de liberdade e crédito para fazer seus próprios negócios e isso se deve a modernidade juntamente com a luta das mulheres para ocupar seus espaços de direito. Hoje com as tecnologias temos carro, moto que facilita a ida à cidade, o que antes gastava 3 dias, agora gasta 3 horas.

O processo tecnológico trouxe grande desenvolvimento e visibilidade às comunidades rurais, a facilidade desde uma viagem a cidade como rapidez na comunicação com o uso do telefone. Mas como todo processo tem sua potencialidade e negatividade aqui não podia ser diferente e então um entrevistado ressalta que:

nossas comidas era bem mais saborosas, nossa saúde era melhor porque só comia coisas naturais saudáveis aqui da comunidade, a tranquilidade também que era melhor mas precisava mesmo do desenvolvimento e com ele chegou essas coisas indesejáveis (Limoeiro, 2019)

O que trouxe liberdade acarretou uma correria danada na vida de todos e o que era frequente como visita aos vizinhos, diálogo demorado, ajuda mútua, hoje quase não acontece e podemos perceber isso no relato de um entrevistado:

antigamente era melhor por questão de mais sossego mais saúde, até mais amor né, as pessoas antes ela era mais amorosa ela se preocupava mais uma com a outra, os vizinhos se viam mais contava mais histórias um visitava mas o outro né agora hoje tá assim ninguém tem tempo, ninguém faz nada e é cada um por si (Limoeiro, 2019)

Concluimos que, em geral, todos os participantes da pesquisa têm belas memórias e ela continua viva na vida de cada um, relembram sua infância, juventude e vida adulta com grande satisfação, fazem do passado um marco para compreender o presente e projetar o futuro. Relatavam que muitas coisas boas se perderam ao longo dos anos, mas, que coisas melhores aconteceram

com o passar do tempo. Conversar e questionar nossos anciãos sobre o passado de cada um, é uma das melhores formas de entender a formação da nossa sociedade e assim, descobrimos que a “história” a qual conhecemos e estudamos nas escolas não diz sobre nossos povos, vidas, lutas e resistências. Por isso, muitas da vezes, sentimos que estamos fora dos padrões sociais, mas na verdade é nossa história que não está registrada, que não é falada, que não é estudada, que é inexistente nos livros didáticos ou quando relatam é uma história totalmente contrária à realidade desse povo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo, o conhecimento e o registro da memória/história de vida se fazem necessários em todas as regiões com todos os povos, porém, é mais ainda necessário em locais/comunidades onde os moradores por questões e consequências da época foram e/ou são privados de seu direito a educação.

Esse povo carrega consigo todas as suas vivências, histórias de lutas, resistências e perseverança, uma história que deve ser conhecida ao menos por seus descendentes, futuras gerações. Mas por não possuírem habilidades com a escrita, a história está centrada somente no psíquico de cada um, e com seus óbitos também vai se suas memórias e os futuros homens e mulheres nada saberão sobre seus ancestrais (avós, bisavós), e estarão sujeitos a qualquer história mal contada sobre os eles mesmos.

Com este estudo, percebemos que não basta a pessoa terem vontade, se a negam a oportunidade, e a falta de oportunidade faz com que muitos talentos não sejam revelados. Para as pessoas entrevistadas, foi negado um direito básico, que é o de uma educação básica gratuita e de qualidade, “as reações do Estado, do judiciário nem sempre têm sido reconhecer esses diferentes como sujeitos de direitos, nem suas formas de lutas por esses direitos mais radicais” Arroyo, 2014, p. 121).

A história tal como conhecemos é fragmentada e não abrange todas as categorias existentes no país, parte da população sente-se excluídos dos escritos brasileiros, nesse sentido, Arroyo (2014) revela que; “os Outros, ao não

existirem, não são passíveis de serem incluídos, nem reguláveis, nem emancipáveis, nem capazes de estar co-presentes nos mesmos espaços e nas mesmas pedagogias” (p. 49).

Assim, não podemos dizer que a história é nacional, enquanto essa população não for incluída conforme suas verdadeiras realidades, histórias, dificuldades e potencialidades.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópoles, RJ: Vozes, 2014.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e sertões: entre a história e a memória**. São Paulo: EDUSC, 2000.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo, 2003.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade**. São Paulo: Parábola, 2011.

CÂNTIA, Aline e BOLONI, Leonardo. **Projetos Brasil Quilombola**. 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

DELGADO, L.A.N. **História oral e narrativa: tempo, memórias e identidades**, dossê, 2003.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo, identidades**: Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **Memória, história e sujeito**: substratos da identidade. Revista Oral. Mariana, 1999.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 49º ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.

<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/desigualdade-de-genero.htm>. acesso; 12/12/20)

https://dtcom.com.br/wayco/temas/section_2/pesquisa_qualitativa_e_quantitativa/sections/pdf/THEME4285.pdf. acessado em 08/08/2020

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo, Cortez, 2003.

LARA, Camila de Brito Quadros. **A importância da memória para construção da identidade**: o caso da Igreja N.S Imaculada Conceição de Dourados/MS. Dourados, 2016.

RODRIGUES, Giseli Giovanella e MACHADO, Neli Teresinha Galarce. **A importância da Memória Para uma Cidade**. Univates, 2010.

SANTOS, M. S. dos. **Memória coletiva e teoria social**. 2.ed. São Paulo: AnnaBlume, 2012.

SANTOS, Vívian Matias dos. **Sobre mulheres, ciências e discurso**. Revista Emancipatória (UEPG), 2006.

SILVA, Dyovany Otaviano da. A Educação do Campo e seus desafios. Disponível em: <https://www.centrosabia.org.br/juventude/a-educacao-do-campo-e-seus-desafios>. acesso em: 10/08/2020.

SANTOS, C. M. dos; BIANCALANA, G. R. **Autoetnografia**: um caminho metodológico para a pesquisa em artes performativas. Revista ASPAS – PPGAC – USP, vol. 7 n. 2, 2017.

SOUSA, R. M; MOLINA, M. C.; ARAUJO, A.C. **Letramentos Múltiplos e interdisciplinaridade na Licenciatura em Educação do Campo**. Brasília: DEX/UnB, 2016.

SOUSA, R. M. **Socioletramento e formação de professores** (no prelo).

STREET, B. V. **Letramentos sociais**. São Paulo: Parábola, 2014.

ZAGO, Nadir e BORDIGNON, Cristina. **Juventude rural no contexto da agricultura familiar**: migração e investimento nos estudos. Unochapecó, 2012.